
Educação a Distância e Desafios ao Aluno na Construção da Aprendizagem

Distance Education and Challenges for Students in the Construction of Learning

Denise Russo da Silva Olhier, Fernando José Lopes

Denise Russo da Silva Olhier faz Pós-graduação em Educação à Distância pelas Faculdades Integradas Campos Salles - FICS. Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade UNINOVE. Pós-graduação em Gestão Ambiental do Espaço Urbano pelo Centro Universitário FIEO – UNFIEO. Bacharelado e Licenciatura Plena em Geografia pelo Centro Univeristário FIEO. E-mail: de.olhier@gmail.com

Fernando José Lopes é mestre em Cognição e Semiótica PUC-SP, pós-graduado em Gestão de Pessoas na Universidade Paulista, graduado em Administração e Professor das Faculdades Integradas Campos Salles – FICS 2016. lopesfj2008@gmail.com

RESUMO

Este artigo se propõe a refletir, por meio de revisão bibliográfica, a Educação a Distância (EaD); a comparação com a aprendizagem presencial; a escolha de um curso a distância partindo de seus benefícios e riscos e o envolvimento do aluno com esta modalidade de ensino. A premissa da EaD é o desenvolvimento de disciplina para o estudo individualizado; porém, nem sempre isto acontece, pois o discente vê-se dependente do docente. Verificou-se sua escolha, em especial, por aqueles que trabalham e/ou estudam ou que apresentam idade maior comparada com a média dos estudantes de uma Instituição presencial. Apesar das apreensões e dúvidas quanto à metodologia, qualidade e à interatividade, concluiu-se que a EaD, por ser democrática e democratizadora, vem expandindo-se, mediante às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), não somente no Brasil, mas no cenário mundial, não possuindo a pretensão de sobrepor-se ao ensino tradicional sendo, antes, uma alternativa complementar de ensino e pesquisa optada por razões diversificadas, cujo êxito dependerá, sobretudo, da maturidade e comprometimento do próprio aluno.

Palavras Chave: Educação a Distância. EaD. Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC. Internet.

ABSTRACT

This article proposes to reflect, through a bibliographical review, Distance Education (Distance Education); The comparison with face-to-face learning; The choice of a distance

course based on its benefits and risks and the student's involvement with this type of teaching. The premise of EaD is the development of discipline for individualized study; But this is not always the case, since the student is dependent on the teacher. Their choice was verified in particular by those who work and / or study or who present a greater age compared to the average of the students of an institution in person. Despite the apprehensions and doubts about the methodology, quality and interactivity, it was concluded that the EAD, being democratic and democratizing, has been expanding, not only in Brazil, but also through Information and Communication Technologies (ICTs). In the world scenario, not pretending to overlap with traditional education, being instead a complementary alternative of teaching and research opted for diversified reasons, whose success will depend mainly on the maturity and commitment of the student himself.

Keywords: Distance Education. EaD. Information and Communication Technologies - ICT. Internet.

INTRODUÇÃO

Com a globalização, a internet e a expansibilidade de recursos tecnológicos, cada vez mais modernos, a Educação a Distância (EaD) vem destacando-se mundialmente.

Há quem defenda que é um ensino inferiorizado e os que defendem, sem criticidade, a sua implementação. Em linhas gerais, os que a procuram, apontam certas vantagens como: a flexibilidade do tempo e sua praticidade.

Devido à possibilidade do aluno escolher seus dias e horários de estudos, alguns acreditam que esta forma educativa é mais fácil do que a de um curso tradicional. Será?

Antes de matricular-se, o aprendiz deve ter em mente o que é a Educação a Distância; quais são as suas vantagens e desvantagens; se informar sobre a credibilidade do curso, conhecer o trabalho dos tutores ou professores; a qualidade dos materiais, e se a oferta da equipe multiprofissional corresponde à demanda de alunos. Recomenda-se o contato prévio com algum aluno que possua contato com a EaD ou ex-aluno, pois, desta forma, é possível inteirar-se sobre suas experiências.

Pretende-se com este estudo contribuir para uma explanação do cenário EaD, apresentando um comparativo entre esta e a educação ofertada no curso presencial, além de demonstrar suas vantagens e os desafios que poderão surgir no processo de construção da aprendizagem do aluno.

1. COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD

A Educação Superior levou um tempo até ser implantada em nossas terras. Segundo Alves (2016), tornou-se possível com a vinda da família real para o Brasil, que pretendia garantir a educação da nobreza e da elite colonial, o livre acesso à cultura, à arte e aos conhecimentos científicos. Então, os comerciantes locais reuniram-se solicitando a criação de uma Universidade Brasileira, que contaria com uma colaboração financeira significativa dos mesmos.

Já a Educação a Distância ou EaD de acordo com Vianna et al. (2015), surgiu no Brasil por volta de 1904 com os cursos pagos por correspondência, oferecidos pelas escolas internacionais. Porém somente a partir de 1922 passou a ser difundida pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, visando o aumento do acesso à educação.

É uma modalidade pedagógica que vem ampliando-se mundialmente. Segundo informação da ABED (2006), só no Brasil, em anos anteriores ao de 2006, a EaD tem crescido acima de 100%.

Conforme Mota e Segundo (2016) os avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a globalização possibilitam uma maior interatividade entre os indivíduos, refletindo na expansão da EaD nos cursos de Graduação e de Pós-graduação. A internet, desde a sua descoberta, permite a navegação pelo *ciberespaço*, e esta tem tornado-se mais prática, rápida e confortável mediante o uso de *smartphones*, *smart tv's* e *tablets* cada vez mais modernos, ou seja, podemos, por exemplo, visitar outro país, num “clic”, no aconchego do nosso lar e aonde quer que estivermos. CD-ROM's, DVD's, vídeo aulas e *softwares* são outras ferramentas capazes de complementarem o ensino-aprendizagem.

Afinal, como a EaD pode ser compreendida? Entre diversos conceitos, na opinião de Santos (2013) *apud* Garcia (1995):

[...] educação a distância (EAD) é um sistema tecnológico de informação bidirecional, que substitui o contato pessoal professor/aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e pelo apoio de uma organização e tutoria que possibilitam a aprendizagem independente e flexível do aluno. (SANTOS, 2013, p. 3).

Tal flexibilidade justifica-se também por poder ser em tempo real (*online*) e sem conexão com a internet (*offline*). Assim, a participação nas aulas ficará a critério dos dias e horários mais convenientes a cada um.

Segundo Ribeiro e Lima: “Denominamos EaD à educação continuada, ao treinamento em serviço, à formação supletiva, à formação profissional, à qualificação docente, à especialização acadêmica, à complementação dos cursos presenciais.” (2016, p. 3).

Como infere-se no parágrafo supracitado, a EaD abrange modelos diferentes, crescendo em áreas diversificadas da ciência.

Na educação a distância, segundo Da Silva:

“[...] não estamos juntos fisicamente, porém conectados. Saímos do contato físico para o contato virtual, vencendo as barreiras de espaço e tempo. Devemos pensar numa sociedade educativa e Educar ao longo da vida.” (2004, p. s/p.).

Por fim, esta modalidade educacional contribui à democratização do ensino, que como reza a Constituição de 1988, em seu art. 6º, é um direito social. Como direito de todos, os esforços deverão ser ampliados a fim de que ninguém seja privado ou excluído.

2. EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Como a localização da maioria das Instituições Superiores encontra-se nos grandes centros, por meio dessa nova modalidade há uma democratização do ensino e inclusão do alunato, esclarecem Mota e Segundo (2016). Contudo, pontuam que ainda há ideias preconcebidas de que o método de ensino mais eficaz seja o presencial e que vem sendo substituído pela EaD, o que leva certos professores a mostrarem-se apreensivos e resistentes. Lemgruber (2008) endossa tal assertiva, afirmando que alguns consideram a EaD uma forma educacional inferior e outros, o extremo, aderindo a esta forma educacional sem criticidade. Vianna et al. (2015) atesta que: “É possível ser “tradicional” em EaD da mesma forma como é possível ser “inovador” no ensino dito “tradicional”. (2015, p. s/p.).

Em verdade, a Educação a Distância tanto poderá ser semipresencial, exigindo a participação do aluno, uma vez por semana, no pólo em que é ofertada, como ser cem por cento online. Ainda Lemgruber (2008), aponta a Portaria nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004 também conhecida como a Portaria dos 20%, pois permite às Instituições de Ensino Superior, a oferta de disciplinas desta modalidade a 20% da carga horal total do curso. A modalidade semipresencial é, pois, caracterizada como: “Quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota”. Portanto, esta Portaria permite o diálogo com a educação presencial, o que, como observado anteriormente, na opinião de alguns, é inconciliável. O desafio, na opinião de Lemgruber é de fazer uma educação dialógica.

Para a implantação de um curso de EaD de acordo com Camargo e Lamim-Guedes, deve seguir um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que inclua: “[...] concepções de educação e currículo, sistemas de educação, material didático, avaliação, equipe multidisciplinar,

infraestrutura de apoio, gestão acadêmico-administrativa e sustentabilidade financeira.” (2015, p. 27).

Outra preocupação apresentada é sobre a interatividade. Muitos questionam que as interlocuções não sejam possíveis no ambiente virtual. Camargo e Lamim-Guedes (2015) opõem-se apresentando, neste contexto, um interessante exemplo: as fotografias. O uso de fotografia nos perfis do tutor e do aluno, as mensagens de boas-vindas e os lembretes, são ações que aumentam o vínculo entre ambos e contribuem para a reaproximação dos alunos que sentem-se mais isolados. Defendem também os glossários, que permitem aos participantes a criação de dicionários com termos contidos nas disciplinas; bases de dados; galerias de imagens e a inserção de *links*, que poderão ser pesquisados com facilidade.

O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) agrega saberes e informações de docentes e discentes. A interatividade entre todos da rede, os materiais disponibilizados, que poderão ser consultados a qualquer momento, e as pesquisas realizadas através de meios diferenciados são outros pontos positivos da Educação a Distância.

Dalfovo et al. (2017) esclarece que a AVA vai além de um endereço no *ciberespaço*, em que os materiais são acessados e respostas são enviadas. Em sua visão, é um ambiente atualizado mediante a participação dos integrantes da rede, implicando, assim, numa aprendizagem colaborativa. Vianna et al. (2015) também afirmam que é necessário compreender a EaD além de um meio tecnológico, ou seja, como um meio virtual em que o aluno é o principal objetivo.

Uma desvantagem da EaD para Mota e Segundo (2016) é, que devido à distância, torna-se difícil ao professor identificar as mudanças comportamentais de seus educandos, o que é essencial para uma avaliação de qualidade. Entretanto, esclarecem que isto é mais frequente em cursos de curta duração e/ou em turma com reduzido número de alunos.

A EaD não possui a pretensão de substituir o ensino regular; antes, apresenta uma alternativa complementar ao ensino e à aprendizagem. Permite também, de acordo com Da Silva (2004) a reflexão sobre a rigidez do ensino tradicional, que vem deixando de ser, como afirmava Freire uma “educação bancária”, em que o professor transmite o conhecimento e o aluno, é somente um receptor, uma “tábua rasa”. Assim, a mecanização e o autoritarismo no ato de educar vem perdendo espaço para uma educação flexível, igualitária e construtivista.

Independentemente do modelo de ensino (presencial ou a distância), para Da Silva a educação deve propiciar:

1. aquisição de consciência crítica, criativa, participativa, questionadora;
2. formação sólida que assegure:
 - dominar conteúdos;
 - compreender os princípios básicos que fundamentam o ensino numa visão globalizada da cultura;

- apresentar referências teóricas para análise, interpretação da realidade;

3. ação educativa capaz de vincular teoria e prática, voltada para a percepção das relações entre os contextos sócio-econômico-político e cultural. (2004, p. s/p.).

A aprendizagem deveria dar-se por meio de trocas, de interações, visando o crescimento mútuo, mas de maneira individualizada pelos educandos, o que a EaD permite, já que os auxilia a libertarem-se da dependência dos professores buscando novas alternativas à construção de seus conhecimentos.

Esta comunicação dialógica, nas palavras de De Oliveira e Junior (2016) rompem com a transmissão monológica dos conteúdos apresentada na modalidade presencial. O educador torna-se um problematizador, ou seja, aquele que levanta questões, que leva à criação de equipes de estudo e à reflexão do estudante.

Da Silva (2004) enfatiza que o enfoque deverá ser na ação pela descoberta crítica de professores e alunos. A aprendizagem autônoma, independente da modalidade de ensino, é a que, de fato, levará o aluno a ser sujeito ativo do seu próprio saber, capaz de pensar de forma ampla e sistematizada.

Para que os aprendizes expressem-se e interajam com outras alternativas dos contextos em que estão inseridos, faz-se mister repensar a educação.

3. IMPRESSÕES SOBRE A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Quem escolhe essa modalidade de ensino deve estar consciente de suas vantagens e também das dificuldades que encontrará durante seu processo de aprendizagem. A Educação a Distância (EaD) permite o acesso rápido e prático dos conteúdos; porém, para isto, fazem-se indispensáveis conhecimentos prévios sobre sua funcionalidade. Fazendo analogia com um bom motorista, este não precisa ser formado em mecânica, mas necessitará conhecer o básico do funcionamento de seu veículo para que saiba conduzi-lo com e em segurança.

É também uma opção econômica tanto com relação ao tempo como quanto ao que seria gasto diariamente no deslocamento até a Instituição. Outro aspecto positivo de acordo com Mota e Segundo (2016), é que a comunicação professor-aluno é sempre por escrito, ficando assim registrada e facilitando as consultas aos materiais seja por *e-mail*'s, mensagens ou pelo fórum.

Na escolha de um curso a distância deve ter-se o cuidado de verificar se os materiais são de qualidade e se há disponibilidade da tutoria, pois, ainda conforme asseguram Mota e Segundo: “[...] principalmente em contextos particulares pode acontecer que hajam poucos

profissionais envolvidos no desenvolvimento e acompanhamento das aulas, não sendo possível oferecer um serviço de qualidade. (2016, p. 5). Ainda orientam aos discentes a instruírem-se quanto à credibilidade da Instituição e a questionarem alunos e ex-alunos sobre suas vivências.

Na EaD além da carência de profissionais, poderá haver número desproporcional de alunos, o que Lemgruber (2008) considera, com razão, uma super-exploração de seus profissionais, interferindo igualmente na qualidade do serviço.

Britto *et al.* (2017) parte da análise do curso a distância como uma aquisição, sendo que o grau de envolvimento do consumidor dependerá do custo, dos riscos percebidos no processo de avaliação e do resultado final, alcançando-se ou não suas expectativas. Estes riscos poderão ser de ordem funcional, social ou financeiro. O aluno poderá recear que a qualidade do curso seja inferior a que espera (funcional), que seu diploma não seja reconhecido pela sociedade (social) ou arrepender-se do investimento (financeiro). Há também a preocupação com as relações entre aluno-professor-tutor.

Valendo-se da pesquisa exploratória, Britto *et al.* (2017) coletou, com técnica de entrevista semiestruturada, dados de dez pessoas que fizeram ou ainda faziam parte de um curso de graduação por meio da EaD. Constataram, pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), uma maior flexibilidade de tempo, o que levou a estas pessoas a optarem pela EaD em detrimento de um curso presencial, sendo que, geralmente, quem a procura é o aluno que trabalha e/ou estuda, possui família e compromissos sociais ou aquele que deseja recuperar o tempo perdido por ser mais velho do que a média de alunos de um curso de graduação presencial. Outro aspecto relevante detectado pela maioria dos entrevistados, é a necessidade de estudar mais do que presencialmente, pois que não dispunham do contato constante com colegas e professor, o que contribuiu à uma aprendizagem autônoma.

Estudando o perfil dos estudantes da EaD de uma turma de um curso de Pós-graduação, ofertado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, por meio da pesquisa quantitativa e qualitativa, Dalfovo *et al.* (2017) também verificou que os educandos estão cientes da importância da autonomia e autodisciplina nos estudos para a aquisição de novos conhecimentos. Cinquenta por cento dos alunos apresentaram dificuldades com o ambiente virtual e outros cinquenta por cento afirmaram que não. Dificuldades encontradas: alguns livros com problemas de impressão; nas atividades em grupo, houve dificuldades de horário e desencontros; durante a transmissão da videoconferência, problemas de conexão, queda de energia, má qualidade de áudio e vídeo; problemas de comunicação com os tutores durante o período de elaboração das monografias. Os alunos sugeriram: encontros presenciais, facilitando a interatividade e o suporte no desenvolvimento das monografias.

Os que não encontraram dificuldades, pontuaram a clareza e objetividade da plataforma virtual ou o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Conforme um dos alunos, a metodologia foi dinâmica, sanando todas as suas dúvidas por meio dos fóruns, mensagens e encontros presenciais.

O tempo de estudo de cada estudante foi variável, sendo que devido ao trabalho, alguns preferiram se dedicar aos estudos nos finais de semana. Quanto ao prazo de entrega das atividades, uns entregaram antes do prazo e outros, no prazo final. Ao serem questionados, cada qual expôs sua opinião sobre a influência positiva ou negativa no resultado das provas, e a avaliação foi bem distinta: 9% positiva, 36% negativa e 55% indiferente. Contudo, os que enviaram suas atividades com antecedência, obtiveram notas um pouco maiores, pois, durante a semana, puderam realizar leituras, desenvolver as tarefas e ao surgirem dúvidas, contatavam os professores e tutores, sendo esclarecidos antes do prazo limite. As médias das disciplinas foram bem próximas: 44,94 aos que enviaram antes do prazo e 44,86 para os alunos que efetuaram a postagem na data do encerramento, mas mesmo assim, maiores em dez disciplinas.

Conclui-se que, assim como num curso presencial, a EaD apresenta vantagens e desvantagens. É imprescindível, a um bom aproveitamento curricular, o compromisso com os estudos e a disponibilização de tempo para os mesmos. No capítulo a seguir, são apresentadas maiores informações sobre como discentes e docentes poderão desenvolver um ensino-aprendizagem de qualidade.

4. O ALUNO E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

As práticas pedagógicas vêm sofrendo mudanças devido aos avanços sócio-econômicos, culturais e tecnológicos.

Como observado no capítulo anterior, para que o alunato beneficie-se da Educação a Distância, é fundamental, de início, que possua conhecimentos básicos. Sem saber utilizar o computador ou outro aplicativo que tenha em mãos, bem como a internet, o acesso ao ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e aos conteúdos do curso será um processo penoso, que consumirá boa parte do seu tempo e dificultará o andamento de seus estudos. Para De Oliveira e Junior (2016), tanto a internet como as outras ferramentas digitais estão ligadas, de forma intencional ou não, à formação do indivíduo, sendo impossível a convivência com os recursos midiáticos sem o mínimo de conhecimentos tecnológicos. Além disto, há a questão da autonomia e da disciplina, ou seja, de *como* o aprendiz gerenciará suas horas de estudo; qual será seu melhor método para acompanhar os materiais inseridos no portal; como organizar-se-á com as provas; como interagirá com os tutores e com a equipe multiprofissional; enviará e imprimirá seus trabalhos, entre outras ações.

De acordo com Mota e Segundo:

[...] muitas pessoas estão matriculadas nesses cursos, mas muitos não conseguem acompanhar os conteúdos nem organizar seu tempo para cumprir com o prazo das atividades, pois diferente do tradicional, os prazos são mais rígidos para entrega de trabalhos [...]. (2016, p. 2).

O aluno, pois, deverá ser capaz de lidar com o próprio tempo, organizando-se e procurando manter a disciplina, além da paciência e do bom ânimo, pois sem persistência poderá desanimar ao longo do percurso. Contudo, há outro aspecto positivo da plataforma virtual: está é planejada de maneira criativa a fim de atrair e motivar os usuários.

Vendrusculo e Behar (2016) citam o estudo de Pereira et al. (2007), que teve por objetivo o desenvolvimento de um modelo pedagógico de formação de professores para a Universidade Aberta de Portugal, baseado na aprendizagem centrada no estudante, na flexibilidade, na interação e no princípio da inclusão digital. São elas:

- a aprendizagem centrada no estudante consiste em reconhecer o aluno como produtor de seus conhecimentos e desenvolver situações de ensino que promovam a autonomia, a criatividade, a capacidade de monitorar sua aprendizagem ao longo da vida, a interação entre os estudantes ao invés do foco nos objetivos e materiais educacionais;
- o primado da flexibilidade possibilita ao aluno o aprendizado em qualquer lugar e horário; o modelo prima pela não coincidência no tempo/não coincidência no espaço;
- a interação estudante-estudante compõe-se da criação de grupos de discussão, além da interação aluno-professor; e
- o princípio da inclusão digital consiste na preparação dos estudantes para o uso de recursos tecnológicos e digitais (literacia digital dos estudantes), levando em conta que a educação *on-line* exige competências específicas por parte dos estudantes e a possibilidade de inclusão digital (facilitação de acesso) de adultos à EaD sem desenvoltura das TICs. (PEREIRA et al., 2007, p. 10).

Verificaram que estas quatro linhas estruturantes estão de acordo com a educação *online* e concluíram a necessidade da educação continuada aos professores.

Na EaD o tutor ou professor será o mediador, podendo sim estimular a participação de seus alunos, mas a aquisição dos saberes e o bom desempenho no curso dependerão dos esforços do próprio estudante em disciplinar-se e dedicar-se. E como é efetuada a avaliação? A aprendizagem dos conteúdos, as competências e habilidades adquiridas, o que necessitará de melhorias e se os objetivos foram alcançados são verificados, segundo Santos (2013 *apud* Mota; Segundo, 2016) pelas avaliações diagnóstica, formativa e somativa.

Para Santos (2013):

- Avaliação diagnóstica: busca identificar os conhecimentos prévios do aluno, o que auxiliará no planejamento das aulas;
- Avaliação formativa: deve ocorrer ao longo do processo educativo, sendo identificadas as limitações do aluno, que serão acompanhadas em atendimento individualizado;
- Avaliação somativa: estabelecem-se critérios a fim de, ao final do curso, classificar o nível de aprendizagem.

As três formas avaliativas supracitadas necessitam ser articuladas para que este processo seja convenientemente realizado. Conforme Mota e Segundo (2016), para que obtenha-se a média total, às notas das atividades serão acrescidas as participações nos fóruns e nos *chat's* (bate-papo), sendo que os testes, em sua grande maioria, realizar-se-ão no polo de apoio. Isto costuma variar de Instituição para Instituição.

Neste processo, é indispensável que o professor leve o aluno a desenvolver uma aprendizagem autônoma, que de acordo com Da Silva (2004) exige a análise de interações e fatos; a compreensão de textos, usados de maneira espontânea; autoplanejamento e busca por soluções e o contato com atividades que o faça pensar de maneira independente. Quando o ensino é autoritário, tudo o que é imposto logo é esquecido, descartado, mas quando deseja-se a aprendizagem, esta passa a ser internalizada. De Oliveira e Junior (2016) ressaltam que, para estabelecer-se uma relação dialógica entre as ferramentas multimidiáticas e a aprendizagem, caberá ao educador uma interlocução constante com os educandos, aplicando-as com senso crítico, criatividade e de maneira contextualizada motivando a construção do conhecimento.

Camargo e Lamim-Guedes (2015) corroboram a assertiva de De Oliveira e Junior (2016) enfatizando a flexibilidade do tutor e que este poderá minizar possíveis falhas do material didático e do AVA, usando de criatividade e buscando a melhor maneira de cativar o aluno. Com a interação entre tutor-aluno, criar-se-á uma rede colaborativa, da qual será possível a compreensão das informações. Seu papel é permitir a articulação entre o ensino-aprendizagem virtual e o do pólo de apoio. Os três componentes que desempenham notável relevância nesta aprendizagem autônoma são para Da Silva: “[...] o saber, o saber fazer e o querer.” (2004, p. s/p.).

Quanto ao componente do saber, Da Silva (2004) afirma que são poucos os que conhecem a si mesmos, sendo que a profundidade deste conhecimento varia de indivíduo para indivíduo. Defende que não se tratam de conhecimentos teóricos, mas relacionados ao processo de aprendizagem, ou seja, em identificar as facilidades e dificuldades encontradas. O saber fazer é quando o aluno avalia tanto seu desempenho acadêmico como o que aprendeu conforme sua auto-orientação. Por fim, o componente do querer é o desejo, a vontade de ir além neste processo aprendendo a aprender, confiando na utilidade e vantagens da aprendizagem autônoma, pois só aprendemos o que desejamos.

A Educação a Distância permite, segundo De Oliveira e Junior (2016), uma prática inclusiva, pois alcança culturas diversas e regiões remotas, proporcionando aos indivíduos uma educação qualitativa, que independe de sua classe social.

Em suma, o grande desafio da EaD é repensar o processo ensino-aprendizagem, permitindo a mudança de uma educação tradicional, muitas vezes engessada, para uma mais aberta e flexível, o incentivando a ser o construtor de seus próprios saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação a Distância é uma forma de ensino democrática e interativa, que permite uma relação intensa entre o real e o virtual. Por romper as barreiras do tempo-espço por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), muitas pessoas, de diversas cidades e países, podem beneficiar-se incluindo aquelas que residem em cidades menores ou afastadas que, até então, não possuíam a mesma chance se comparadas com as dos grandes centros.

É uma alternativa complementar construtivista, que visa não somente a aquisição de conteúdos curriculares, mas a busca pela produção de conhecimentos por meio do ensino e da pesquisa. Por suscitar resistência de um lado e de outro, adesão acrítica, não é possível um posicionamento à forma educacional mais eficaz, ou seja, virtual ou tradicional, pois, entre os fatores já referidos, dependerá, sobretudo, dos esforços de cada educando e de tutores que compreendam e valorizem a aprendizagem autônoma. Neste sentido, o ideal seria uma educação dialógica, que supere tais extremos.

Verificou-se que, apesar dos prós e contras, este ensino, que está crescendo no Brasil e no cenário mundial, em todos os campos da ciência, é centrado no aluno.

A capacitação de professores e tutores é relevante para que seja ofertado um currículo adequado e um ensino de qualidade. Contudo, por mais que haja mediação e incentivo por parte do corpo docente, a qualidade da aprendizagem dependerá da organização e disciplina do discente, que necessitará gerenciar seu tempo, pesquisas e estudos. Desta forma, será capaz de fazer novas descobertas, de perceber seus progressos e erros, superando os desafios de maneira criativa e prazerosa.

É fundamental, pois, que o aluno seja consciente de que a aprendizagem autônoma trata-se de um processo de construção e reconstrução pautado no saber, no saber fazer e no querer, não sendo possível ser conquistada instantaneamente. O querer é mola propulsora à aquisição de conhecimentos e é indispensável ao progresso da Educação a Distância.

Este trabalho cumpriu com o seu caráter reflexivo sobre o tema. São recomendadas novas pesquisas a fim de ampliar os conhecimentos compartilhados.

REFERÊNCIAS

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. Educação a distância tem crescido acima de 100% no Brasil. Disponível em:

http://www.abed.org.br/site/pt/midioteca/noticias_ead/146/2006/07/educacao_a_distancia_tem_crescido_acima_de_100_no_brasil>. Acesso em: 10 mai. 2017.

ALVES, Luis Carlos Ribeiro. Educação superior a distância: desafios, perspectivas e possibilidades. **Composição Revista de Ciências Sociais da UFMS**, n. 18, 2016. Disponível em: < <http://200.129.202.50/ojs/index.php/compcs/article/view/1979/1381>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. (Constituição 1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. Portaria nº 4.059, de 10/12/2004.

BRITTO, Lidiane Campos et al. Motivos da escolha da educação a distância: o aluno como consumidor. **Revista de Administração IMED**, v. 6, n. 2, p. 206-220, 2017. Disponível em: < <https://seer.imed.edu.br/index.php/raimed/article/view/1373/1084>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

CAMARGO, Pedro; LAMIM-GUEDES, Valdir. Educação a distância no Brasil: comentários e desafios pedagógicos no ensino superior. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 25-38, 2015. Disponível em: <

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/6400>>.

DA SILVA, Antonio Carlos Ribeiro. **Educação a distância e o seu grande desafio**: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem. 2004.

DALFOVO et al. Educação a distância: perfil dos discentes. **Pesquisa em foco**, v. 21, n. 2, 2017. Disponível em: <

http://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1221>. Acesso em: 10 mai. 2017.

DE OLIVEIRA, Luiza Carvalho; JUNIOR, João Batista Bottentuit. A Educação a distância como alternativa à formação reflexiva no processo de aprendizagem. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade**, v. 9, n. 2, p. 204-216, 2016. Disponível em: <

<http://www.cadernosets.com.br/index.php/cadernosets/article/view/316/176>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Educação a distância: para além dos caixas eletrônicos. Pernambuco. **Anais do 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, p. 73, 2008. Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio_lemgruber.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

MOTA, Marcos Chagas; SEGUNDO, José Diener Feitosa Marques. Educação a Distância no Ensino Superior. **SIED: EnPED-Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**, 2016. In: SANTOS, J. F. S. Avaliação no ensino à distância. Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus e Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.rioeoi.org/deloslectores/1372Severo.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

PEREIRA et al. **Modelo pedagógico virtual da Universidade Aberta**: para uma universidade do futuro. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

RIBEIRO, Ginaldo; LIMA, José Cunha. Educação a distância; onde podemos chegar. **SIED: EnPED-Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**, 2016. Disponível em: <<http://www.sied-enped2014.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1183>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

VENDRUSCOLO, Maria Ivanice; BEHAR, Patrícia Alejandra. Investigando modelos pedagógicos para educação a distância: desafios e aspectos emergentes. **Educação**, v. 39, n. 3, p. 302-311, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/20666/0>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

VIANNA, Luciano José et al. Educação a distância no Brasil: cotidiano, prática, avanços e perspectivas. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 8, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1635>>. Acesso em: 10 mai. 2017.